

Apresentação

[Presentation]

REVISTA
compolítica

revista compolítica

2021, vol. 11(1)

compolitica.org/revista

ISSN: 2236-4781

DOI: 10.21878/compolitica.2021.11.1.581

 Open Access Journal

Emerson Urizzi Cervi

Universidade Federal do Paraná
[Federal University of Paraná]

Ricardo Fabrino Mendonça

Universidade Federal de Minas Gerais
[Federal University of Minas Gerais]

Viktor Chagas

Universidade Federal Fluminense
[Fluminense Federal University]

Apresentação

Emerson Urizzi CERVI
Ricardo Fabrino MENDONÇA
Viktor CHAGAS

A Revista Compolítica completa dez anos de existência em 2021. Desde a sua primeira edição até o presente momento, foram mais de 100 artigos publicados, e 20 resenhas, entrevistas e outros conteúdos adicionais tornados disponíveis em sua seção de Extras em 23 edições (contando com esta), todas com acesso livre aos interessados. A revista, que é oficialmente ligada à Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (Compolítica), foi e ainda hoje é o primeiro periódico científico especializado em comunicação política no país. Trata-se de uma publicação emergente, reconhecida nacional e internacionalmente pela excelência de seus conteúdos e pelo rigor de seu processo editorial. Aos editores e editoras que por aqui passaram nessa trajetória de árduo trabalho coletivo, a todos e todas as assistentes editoriais, aos avaliadores e avaliadoras, aos autores e autoras, e, claro a todos e todas as leitoras, nosso muito obrigado.

Na primeira edição de 2021, a Revista Compolítica publica cinco artigos, uma resenha e uma entrevista. O artigo de Priscilla Dibai (UFBA) apresenta um objeto relativamente novo ao campo da comunicação política, ainda com tímida literatura, os grupos de discussão política no Telegram. Nesse caso, o artigo se propõe a discutir como apoiadores de Jair Bolsonaro vinculados a grupos neste aplicativo repercutiram a soltura do ex-presidente Lula, que argumentos mobilizaram e que tipo de discursos foram acionados. A conclusão da autora é de que a linguagem ofensiva, os conteúdos repletos de desinformação e teorias conspiratórias despolitizam o debate público.

Já o artigo de Mateus da Cunha Santos (UFPR) e Maria Ivete Trevisan Fossá (UFSM) traz à baila o movimento desempenhado pelo então candidato ao governo do Estado de São Paulo, João Dória, em 2018, quando procurou aproximar seu discurso do bolsonarismo. A análise da campanha televisiva de Doria e do apelo ao voto “BolsoDoria” sugere, como indicam os autores, que “atributos, valores e propostas de

Bolsonaro foram incorporados ao discurso eleitoral de Doria”. O recente descolamento entre ambos os políticos, portanto, pode pesar na conta do político paulistano futuramente, concluem.

Naiza Comel, Pedro Brodbeck e Claudia Quadros, todos da UFPR, apresentam, por sua vez, uma análise sobre a estratégia de comunicação pública da Prefeitura de Florianópolis em sua página oficial no Facebook. Com base em uma análise de conteúdo dos posts publicados entre janeiro e abril de 2019, os autores chamam a atenção para o fato de que as publicações na fanpage demonstram um esforço por transparência e *accountability* das ações governamentais, muito embora o diálogo e o espaço para a interação propriamente sejam razoavelmente limitados.

A propósito da transparência pública, o texto de Thatiany Nascimento e Diógenes Lycarião, ambos da UFC, explora a percepção sobre o tema a partir da aplicação de questionário online a 60 repórteres de jornais do Estado do Ceará. Os autores argumentam que, conquanto tenha havido uma gradativa qualificação de ações de transparência desde a redemocratização, há ainda entraves importantes no que tange ao acesso e à mediação da informação pública, que dizem respeito ao desenho das ferramentas, à experiência de uso, mas também às rotinas de produção jornalísticas, à própria formação dos quadros profissionais e à influência do poder político ou econômico. Esses vetores são explorados em detalhes no artigo, que sugere que políticas e ações coletivas podem ser capazes de aliviar ou enfrentar estes obstáculos.

Por fim, o artigo de Roberta Peixoto (Unirio) investiga as representações legadas pelos meios de comunicação a respeito de religiões de matrizes africanas, a partir de um mapeamento histórico, em periódicos que integram o acervo da Fundação Biblioteca Nacional, de notícias veiculadas entre 1900 e 1985. O texto apresenta como a imprensa mobiliza discursos carregados de estigmas e estereótipos para tratar de temáticas relacionadas a estas religiões.

Entre os conteúdos publicados como extras nesta edição, a resenha de Luma Poletti Dutra (UnB) sobre o livro de Felipe Recondo, “Tanques e togas: O STF e a ditadura militar”, recupera tema importante e atualíssimo, em especial diante da conjuntura de ataques

sofridos pelo Judiciário por parte de integrantes do Executivo e do Legislativo em tempos recentes, mas não apenas.

E, para fechar a edição, a entrevista de Filipe Mendes Motta (UFMG) com Nicole Curato, professora associada do Centre for Deliberative Democracy and Global Governance, na Universidade de Camberra, na Austrália, discute um pouco da trajetória da pesquisadora e de suas contribuições para a pesquisa sobre a teoria deliberativa, especialmente a partir de análises sobre o cenário político das Filipinas.

Desejamos a todos e todas uma boa leitura.